

O LÉXICO DA MAGIA NAS CANTIGAS MEDIEVAIS DE AGOIROS, ASTROLOGIA E SUPERSTIÇÕES

THE LEXICON OF MAGIC IN THE MEDIEVAL CANTIGAS OF OMEN, ASTROLOGY AND SUPERSTITIONS

EL LEXICON DE LA MAGIA EN LAS CANTIGAS MEDIEVALES DE AGOIROS, ASTROLOGÍA Y SUPERSTICIONES

*Rafael Marques Ferreira Barbosa MAGALHÃES**

*Sandro Marcio Drumond Alves MARENGO***

Resumo: Este artigo investiga o léxico pertinente ao campo associativo da magia nas cantigas medievais galego-portuguesas. Filiados a uma perspectiva filológica, acessamos a episteme da cultura galego-portuguesa por meio do seu repertório lexical. O *corpus* foi constituído pelas edições de algumas cantigas medievais galego-portuguesas. Analisamos as cantigas identificadas pelos subtemas Agoiros / astrologia / superstições, a partir dos quais foi possível levantar o léxico que nomina ou atualiza uma série de elementos que dizem respeito ao universo da magia. Foi construído, também, um índice em ordem alfabética, constante de todas as ocorrências identificadas no *corpus*. A partir desse trabalho, chegamos a alguns direcionamentos no entendimento da construção do conceito de magia na Idade Média. Concluímos que havia uma tendência a demonizar a mulher e que ainda não havia a implicação de magia como sinônimo de mau, mas uma forte tendência a associar o que é mágico ao fracasso e à decadência.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Cantigas medievais; Magia; Galego-Português; Léxico.

Abstract: This article investigates the lexicon pertinent to the associative field of magic in the Galician-Portuguese medieval cantigas. Affiliated to a philological perspective, we access the episteme of Galician-Portuguese culture through its lexical repertoire. The *corpus* was constituted by the editions of some Galician-Portuguese medieval cantigas. We analyzed the cantigas identified by the sub-themes omen/astrology/ superstitions, from which it was possible to lift the lexicon that lists or updates a series of elements that relate to the universe of magic. It was also constructed an index in alphabetical order, constant of all the occurrences identified in the *corpus*.

* Aluno de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/000-0003-4052-5808>. Contato: rmfbmagalhaes@gmail.com.

** Professor do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4658-004X>. Contato: sandromarengo@gmail.com.

From this work, we arrive at some directions in the understanding of the construction of the concept of magic in the Middle Ages. We concluded that there was a tendency to demonize the woman and that there was as yet no implication of magic as a synonym for bad, but a strong tendency to associate what is magical with failure and decay.

Keywords: Historical Linguistics; Medieval cantigas; Magic; Galician-Portuguese; Lexicon.

Resumen: Este artículo investiga el léxico pertinente al campo asociativo de la magia en las cantigas medievales gallego-portuguesas. Afiliados a una perspectiva filológica, accedemos a la epistema de la cultura gallego-portuguesa a través de su repertorio léxico. El *corpus* se constituyó de las ediciones de algunas de las cantigas medievales gallego-portuguesas. Analizamos las cantigas identificadas por los subtemas Presagios/astrología/ supersticiones, desde las cuales fue posible levantar el léxico que enumera o actualiza una serie de elementos que se relacionan al universo de la magia. También se construyó un índice en orden alfabético, constante de todas las ocurrencias identificadas en el *corpus*. De este trabajo, llegamos a algunas direcciones en la comprensión de la construcción del concepto de magia en la Edad Media. Concluimos que había una tendencia a demonizar a la mujer y que hasta ahora no había implicación de la magia como sinónimo de mal, sino una fuerte tendencia a asociar lo que es mágico al fracaso y a la decadencia.

Palabras clave: Lingüística histórica; Cantigas medievales; Magia; Gallego-portugués; Léxico.

Introdução

A Idade Média foi um período da história ocidental definido, na visão do século XVI, como um hiato no desenvolvimento da humanidade e, na do século XVII, como um tempo de barbárie, ignorância e superstição (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.10). É fundamental, porém, que o pesquisador contemporâneo tenha uma postura crítica diante dessas assertivas, buscando, em contrapartida, conhecer e interpretar os fatos que nos permitem compreender o que a Idade Média significou dentro de seu contexto específico, lançando luz ao que muitos ainda designam por período de trevas. Uma das questões relativas ao período medieval que mais suscitam polêmica é o imaginário construído sobre a bruxaria. A caça às bruxas, promovida em grande parte pelas instituições inquisitoriais, marcou a história ocidental com mortes nas fogueiras, em nome de Deus, para expurgar o mal representado, principalmente, pelo feminino.

De acordo com Pinto (2010, p. 189), a Inquisição Medieval começa em fins do século XII, complementarmente às Cruzadas, momento em que se instaura um movimento progressivo de combate às manifestações e cultos ao demônio (DELUMEAU, 2009, p. 525). Diante das ameaças à sobrevivência e à soberania do cristianismo e dos impérios cristãos, emerge a figura do herege, combatida fortemente pelo Santo Ofício medieval. Nesse contexto de perseguição religiosa é que são escritas as cantigas medievais galego-portuguesas. A saber,

As cantigas trovadorescas galego-portuguesas são um dos patrimônios mais ricos da Idade Média peninsular. Produzidas durante o período, de cerca de 150 anos, que vai, genericamente, de finais do século XII a meados do século XIV, as cantigas medievais situam-se, historicamente, nas alvares das nacionalidades ibéricas, sendo, em grande parte contemporâneas da chamada Reconquista cristã, que nelas deixa, aliás, numerosas marcas. Tendo em conta a geografia política peninsular da época, que se caracterizava pela existência de entidades políticas diversas, muitas vezes com fronteiras voláteis e frequentemente em luta entre si, a área geográfica e cultural onde se desenvolve a arte trovadoresca galego-portuguesa (ou seja, em língua galego-portuguesa) corresponde, latamente, aos reinos de Leão e Galiza, ao reino de Portugal, e ao reino de Castela (a partir de 1230 unificado com Leão). (LOPES et. al., 2011, *on-line*).

Neste trabalho, propõe-se o levantamento da existência de um repertório lexical pertinente ao campo associativo da magia nas cantigas medievais. É sabido que os termos magia, feitiçaria e bruxaria são controversos e fruto de diversas reflexões de natureza antropológica, cultural e lexicológica, não sendo consensual seu estabelecimento conceptual e, portanto, seu registro lexicográfico. Não nos compete aqui, porém, enveredar por este caminho visto que não seria produtivo para o objetivo proposto.

Abordagem filológica e o estudo do léxico

A Filologia é uma ciência muito antiga, cuja gênese costuma ser atribuída às práticas desenvolvidas nas bibliotecas de Alexandria, Nínive e Pérgamo para preservar os sentidos e garantir o entendimento dos textos. Auerbach (1972, p.11) atesta a diversidade das atividades filológicas, ressaltando o caráter necessariamente interdisciplinar dessa ciência, que se pode definir como

[...] uma ciência e disciplina dedicada a indagar e definir uma cultura e uma civilização literária, antiga ou moderna, através do estado dos textos literários e dos documentos de língua, reconstituindo-lhe a forma original e individualizando seus aspectos e suas características lingüísticas e culturais (TELLES, 2000, p. 94).

Nietzsche (1869) já alertava para a dificuldade de definir-se a filologia, localizando essa dificuldade em sua própria natureza diversificada de práticas que, longe de ser um empreendimento desorganizado, reflete sua justa razão de ser: o texto. Acessá-lo, no entanto, requer uma série de procedimentos hermenêuticos que fazem com que o filólogo compreenda e descreva, de forma crítica, seus elementos constitutivos. Assim, é possível explorar ao máximo, e rigorosamente, tudo o que possa ser significativo para a construção de sentidos a partir do texto. Cabe ressaltar que

A noção de texto compreendida o mais amplamente como atividade comunicativa não se limita exclusivamente ao texto escrito. Desse modo, considerando que o texto é urdido através de um sistema de signos denominado língua e que o estudo da língua é objeto da Lingüística, fica patente a inter-relação entre a filologia e a lingüística. Se a primeira é primordialmente o estudo dos textos, a segunda dedica-se à análise da língua que constitui o texto (TELLES, 2005, p. 90).

É fundamental o conhecimento da língua em que o texto foi urdido para que se possa acessar sua episteme. Dessa forma, tão mais distante cronologicamente esteja localizado o texto, mais difícil será sua leitura. Nesta empreitada, evidentemente, diversas perspectivas são possíveis e, portanto, um amplo espectro de orientações metodológicas pode ser adotado. Neste trabalho, optamos pelo viés semântico-lexicológico, que “[...] constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998, p. 11), a instância em que valores, crenças e conceitos, as formas de pensar, apreender e categorizar a realidade estarão manifestos na língua, visto que, “[...] em virtude de sua natureza primeira de nomear, [o léxico] é semanticamente coextensivo à cultura que o suporta e à realidade por ele recortada” (KRIEGER, 2010, p. 136).

Os estudos lexicais estão intrinsecamente relacionados à diversidade lingüística da civilização que utiliza uma língua, portanto são fontes profícuas para esses estudos “[...] documentos históricos, textos literários e relatos em linguagens coloquiais” (KRIEGER, 2010,

p.135). Além disso, é importante ter em conta que o repertório lexical de fontes remanescentes do passado aporta um indicativo relevante de como aquela cultura construía conceptualmente determinadas visões do seio social que foram, então, expressas no léxico de sua língua em uso (MARENGO, 2017; MARENGO; CAMBRAIA, 2016; MARENGO; FREITAG, 2016). Desse modo, o vocabulário de um texto confeccionado e circulado em um ambiente sociocultural, seja de sincronia presente ou passada, não só reflete as construções cognitivas individuais e partilhadas pela coletividade, mas também aponta para o modo como essa comunidade mapeia o mundo ao seu redor (MARENGO, 2016, 2018). Como nos aponta Matoré (1973 [1953]),

Na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de *coisas*, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1973 [1953], p. 43)¹.

A partir da afirmação de Matoré (1973[1953]), destacamos o papel fundamental dos instrumentos lexicográficos nesse contexto, cuja principal função metalinguística é a tentativa de registro das lexias de uma língua e seus significados, pois, conforme aponta Rey-Debove (1973, p.82), o objeto de um dicionário e de uma gramática é descrever a competência natural do usuário ideal de uma língua. Portanto, a consulta a um dicionário será tão mais efetiva, quanto mais próximo seu domínio sincrônico estiver daquele do texto que se estuda.

¹ Tradução de Cambraia (2013). No original, “En réalité, les mots n’expriment pas les choses, mais la conscience que les hommes en ont. Pour la lexicologie, les faits sociaux ont en effet l’aspect de choses, mais ce sont des choses vues, senties, comprises par des hommes; notre discipline devra donc envisager les réalités sociologiques dont le vocabulaire est la “traduction” à la fois objectivement, comme des réalistes indépendantes de l’individu, et subjectivement, en fonction d’êtres vivant dans un milieu concret, dans certaines conditions sociales, économiques, esthétiques, etc.”

Corpus e Metodologia

O *corpus* deste trabalho é composto da edição das cantigas medievais galego-portuguesas, disponível na página web das Cantigas Medievais Galego-Portuguesas <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>, desenvolvida por uma equipe de pesquisadores sob a coordenação de Graça Videira Lopes e Manuel Pedro Ferreira. Tal escolha resvala-se na qualidade técnica do suporte e do texto estabelecido, bem como na acessibilidade do conteúdo disponível na internet, além dos inúmeros recursos à disposição e do conteúdo paratextual que compõe a edição.

Apesar de ser chamado de base de dados, o *site* pode ser entendido como uma edição digital, levando-se em consideração suas características, próprias àquelas apresentadas por Lose (2011) na definição de edição digital:

[...] e não edição meramente em formato digital, mostra-se um tipo completamente adequado à Filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado. Nas edições anteriores tais informações vinham como arredores, mas na edição digital esse arcabouço informacional está totalmente integrado ao texto transcrito, criando assim uma sintonia perfeita entre a transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o filólogo adentrasse esse texto, e, conseqüentemente, desempenhasse sua função (de trazer o texto fidedigno) com mais confiança e clareza. O entorno do texto é sempre fundamental para uma boa edição e a edição digital possibilita esse diálogo de forma natural e soberana. A edição digital mostra-se completa, pois o editor pode escolher os critérios de qualquer tipo de transcrição já existente e fazer dialogar isso através de hiperlinks com seu paratexto, além de desdobramento de abreviaturas, movimentos de correção do autor, em caso de texto moderno, entre outras possibilidades. Além disso, tornar o texto digital é possibilitar sua divulgação de forma mais fácil, acessível e abrangente [...] (LOSE, 2011, p.78).

Estão disponíveis, no *site*,

[...] aos investigadores e ao público em geral, a totalidade das cantigas medievais presentes nos cancioneiros galego-portugueses, as respectivas imagens dos manuscritos e ainda a música (quer a medieval, quer as versões ou composições originais contemporâneas que tomam como ponto de partida os textos das cantigas medievais). A base inclui ainda informação sucinta sobre todos os autores nela incluídos, sobre as personagens e lugares referidos nas cantigas, bem como a “Arte de Trovar”, o pequeno tratado de

poética trovadoresca que abre o Cancioneiro da Biblioteca Nacional. (LOPES et. al., 2011, *web*).

O conteúdo paratextual é constituído por “[...] glossário, notas explicativas de versos, toponímia, antroponímia, notas gerais” (LOPES et al., 2011), explicações sobre a leitura, aspectos formas, sendo, ainda, possível fazer uma leitura face a face, cotejando o texto editado com os *fac-símiles*.

São cerca de 1680 cantigas que se distribuem entre “cantigas de amor”, “cantigas de amigo” e “cantigas de escárnio e maldizer”, cuja autoria pode ser atribuída a, aproximadamente, 187 trovadores e jograis (LOPES et. al., 2011). No *site*, as cantigas estão inventariadas tematicamente, identificadas por onze temas (*Acontecimentos históricos; Alimentação; Animais; Dados literários; Grupos sociais / profissionais; Instituições mencionadas; Matéria de Bretanha; Motivos das sátiras; Música; Provérbios; Vestuário*) que se subdividem em incontáveis subtemas.

Para o tema *Motivo das Sátiras*, tem-se o subtema *Agoiros / astrologia / superstições*, em que estão contidas quinze cantigas, a saber (com as respectivas autorias e numeradas para que se lhes possa referir posteriormente simplificadaamente:

- 1) *Com'aveo a Merlim de morrer*, Estêvão da Guarda;
- 2) *Direi-vos eu d'um ric'home*, Afonso X;
- 3) *Dom Pero Núñez era em tornado*, João Airas de Santiago;
- 4) *Já Martim Vaásquez da estrologia*, Estêvão da Guarda;
- 5) *Maria Balteira, que se queria*, Pedro Amigo de Sevilha;
- 6) *Martim Vásquez, noutro dia*, Pedro, conde de Barcelos;
- 7) *Meestre Nicolás, a meu cuidar*, Afonso Anes do Cotom;
- 8) *Ora é já Martim Vaásquez certo*, Estêvão da Guarda;
- 9) *Os que dizem que veem bem e mal*, João Airas de Santiago;
- 10) - *Pedr'Amigo, quero de vós saber*, Vasco Peres Pardal, Pedro Amigo de Sevilha;
- 11) *Pois que Dom Gómez Cura querria*, Airas Peres Vuitorom;
- 12) *Quando chamam Joan'Airas reedor*, bem cuid'eu logo, João Airas de Santiago;
- 13) *Sedia la fremosa seu sirgo torcendo*, Estevão Coelho;
- 14) *U, com Dom Beeito, aos preitos veerom*, João Airas de Santiago;
- 15) *Õa dona, nom dig'eu qual*, João Airas de Santiago.

Foi feita a leitura exaustiva das cantigas, amparada nas referências sobre o tema que se discute, bem como nos recursos paratextuais disponíveis no *site* das cantigas e outras referências sobre a sincronia em questão.

A partir da leitura, usando o componente computacional *TermoStat Web 3.0*, identificamos os itens lexicais que nomeiam ou atualizam informações sobre a) quem pratica magia; b) práticas de magia; c) fenômenos mágicos, suas causas e efeitos; d) animais utilizados em práticas de magia (aves); e) instrumentos e ingredientes utilizados em práticas de magia; f) formas de magia e o conhecimento mágico, g) ser sobrenatural. Apenas a cantiga 12 não foi produtiva para o levantamento e, portanto, foi descartada no nosso estudo.

Apresentação das lexias

Optou-se por apresentar o levantamento realizado sob a forma de um glossário. Contudo, não figurarão os nomes de aves nem de corpos celestes, que poderão ser consultados no índice em ordem alfabética com todas as ocorrências identificadas, que figurará como apêndice deste trabalho.

Adotamos os critérios para a elaboração do glossário:

- a) As lexias serão apresentadas em caixa alta, negrito, seguidas pela indicação, entre parênteses, separadas por um espaço, da classe gramatical que desempenham no texto, sempre em caixa baixa;
- b) As lexias serão organizadas em ordem alfabética;
- c) As entradas de verbos são feitas pelo infinitivo; as entradas de nomes e substantivos serão feitas através da forma mais produtiva a partir do levantamento. As formas menos produtivas serão apresentadas após todas as demais informações do verbete, em caixa baixa e negrito, separadas entre si por ponto;
- d) As lexias compostas serão indicadas de forma simplificada como expressões;
- e) Após a classe gramatical, será apresentada a definição da lexia no contexto, separada por um espaço. Quando possível, a significação será extraída do glossário do *site Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*, sendo o conceito introduzido pela palavra “glossário” seguida de “:”;
- f) Quando não se utilizaram as definições presentes no glossário, foram consultados dicionários de estados mais próximos ao das

cantigas, a saber: Raphaël Bluteau, Moraes, Viterbo e Luiz Maria da Silva Pinto;

g) Lexias com acepções diferentes constituem verbetes novos;

h) As abonações serão apresentadas em itálico, após a definição, separados por ponto.

Glossário

AGOIRADOR (substantivo masculino) Pessoa que possui conhecimentos de agoiros, do uso mágico de aves. [...] *e dê o corvo ao agoirador. Sabedor d'agoir'e d'aves.*

AGOIRO (substantivo) Prática divinatória que se utiliza de aves para previsão da sorte e do futuro. Sinais obtidos através da prática [...] *e o agüiro sol el bem catar, ca muitas vezes l'houv'afaçanhado. Aguiraria. Agoiraria. Aguiro. Dizer das aves. Ver nas aves.*

ALEGORIA D'AGOIRO (expressão) Glossário: Arte, ciência dos agoiros. [...] *sab'el tod'alegoria d'agoiro.*

AOLHAR (verbo) Por mau olhado, enfeitiçar. Glossário: deitar mau olhado. [...] *em tal que o nom aolhasse quen'o visse e o catasse.*

BOAS AVES (expressão) Aves domésticas², impróprias para os agoiros. [...] *querria com boas aves ante prender mal ca bem com outras [...].*

CONSINAR (verbo) Glossário: Atribuir um sinal. Divinar. [...] *se houuess'el ãa cornelh'atal qual x'a Dom Gómez consinaria!*

CORVEJAR (verbo) Glossário: Cantar de ave (corvo), tipo de agoiro. [...] *e corvej'aquí sempr'o mais do dia*

CUSPIRAM AS DONAS (expressão) Cuspir no chão é uma forma de agourar um casamento pouco venturoso. [...] *aos preitos veerom, cuspirom as donas e assi disserom [...].*

DEPARTIR (verbo) Interpretar agoiros. [...] *mais este nom sei eu bem departir.*

DIABO (substantivo masculino) Ser sobrenatural a que se atribui tudo aquilo que é considerado ruim, do mau. [...] *foss'el pois caer eno infern'e ficass'em poder do diabo [...].*

ESCANTAR (verbo) Glossário: esconjurar contra o mau olhado. [...] *por ãa velha enviou, que o veesse escantar d'olho mau de manejar.*

² Informação obtida através de nota do *site*.

ESTORMUDOS (substantivo masculino) Glossário: Espirros, sinal de agoiro. [...] *que estornudos soedes d'haver ?*

ESTROLOGIA (substantivo feminino) Prática de divinação através de corpos celestes. *Já Martim Vaasques da astrologia perdeu feúza, polo grand'engano dos planetas. Astrologia. Estrolomia. Estrelosia. Ver per astrologia. Ver na estrela. Ver na lûa.*

ESTRÓLOGO (substantivo masculino) Praticante de astrologia. *Estas cantigas de cima foram feitas a um jogar que se prezava d'estrólogo.*

GUISAR (verbo) Glossário: Proporcionar, destinar. [...] *mais Saturno lha guisou de tal renda.*

INFERNO (substantivo masculino) Domínio sobrenatural, governado pelo diabo. [...] *foss'el pois caer eno infern'e ficass'em poder do diabo [...].*

MERLIM (substantivo masculino) Famoso mago personagem dos romances de cavalaria. *Com'aveo a Merlim de morrer.*

MORT'ESTRÃIA (expressão) Morte por causa desconhecida, atribuída, provavelmente, a razões sobrenaturais. [...] *a morrer convém de mort'estrãia que há padecer.*

OFERENDA (substantivo) Oferta a seres sobrenaturais. [...] *u nom há pam nem vinho d'ofereenda.*

OLHO MAO (expressão) Glossário: Mau olhado. [...] *por ãa velha enviou, que o vesse escantar d'olho mao de manejar.*

PREITO (substantivo masculino) Glossário: Pacto, combinação. [...] *aos preitos veerom, cuspirom as donas e assi disserom [...].*

SABER (verbo) Conhecimento de mágico. *Com'aveo a Merlim de morrer per seu gram saber que el foi mostrar a tal molher.* RB: “Possuir esta ou aquela sciencia”. LM: “Sciencia, doutrina”.

PODER DE SOLTAR (expressão) Glossário: Poder de liberar de excomunhão ou qualquer arte mágica. *mais nom havia poder de soltar.*

VELHA³ (substantivo feminino) Mulher idosa capaz de retirar ou reverter feitiços e mau olhado. [...] *por ãa velha enviou, que o vesse escantar d'olho mao de manejar.*

VER BEM E MAL (expressão) Predizer a sorte. *Os que dizem que veem bem e mal [...].*

³ Informação obtida através de nota do *site*: é entendida como bruxa sensata, praticante de feitiçaria.

Considerações finais

O presente trabalho, longe de pleitear qualquer pretensão de definição, se propõe a uma investigação exploratória, fruto de indagações sobre os usos e significados do léxico de língua portuguesa no período medieval. A partir do resultado obtido, é possível tecer algumas considerações que permitirão aperfeiçoar estudos que se desenvolvam sobre o léxico medieval manifesto nas cantigas.

Inicialmente, não se pode deixar de levar em consideração que se trata de texto literário, notadamente cantigas de escárnio e maldizer, o que estabelece uma baliza a nível de valoração desses elementos. Isto significa que as relações de verossimilhança entre literatura e realidade são terreno fértil para a observação dos processos de significação e construção de sentido. Em nível de língua, pode-se dizer que o léxico das cantigas, de grande circulação e permeabilidade, evidenciam conceitos que são compartilhados por um público vasto e diversificado, porquanto os veicula. Delumeau (2009 [1978], p.462-476) discorre sobre o medo inerente ao homem, do gênero masculino, da mulher, apontando diversos elementos de natureza histórica e cultural que auxiliam a explicar o medo da mulher. Culturalmente, ao feminino, à maternidade, está associada a natureza e a terra, “[...] mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, a mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, do poder não só de profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas” (DELUMEAU, 2009 [1978], p. 464). Cardini (1996), refletindo sobre o esforços de Santo Agostinho em categorizar os usos da mágica, evidencia um quadro também desfavorável ao feminino, de acordo com o pensamento agostiniano, “o magus conhece as leis ocultas do universo, lê o caminho das estrelas, sabe quais são as relações entre os planetas, as pedras preciosas e a alma humana: é um sábio. A incantatrix não sabe ou não tem o cuidado de conhecer as coisas que emprega para atuar, e atuar de maneira má (CARDINI, 1996)”. Se, culturalmente, a mulher está “naturalmente” associada à prática de magia, será, também, preferencialmente, o agente demoníaco por natureza.

Vemos, no léxico apresentado, que “velha” nomeia mulheres que praticam magia, em contrapartida, as designações para o homem que também a pratica, são derivadas da denominação da prática, sem

que haja qualquer tipo de associação do masculino à magia. Mas, se o homem pode ser “sabedor de agoiros”, a praticante de feitiçaria é a “velha”.

Outro dado interessante é a ocorrência “escomungar” e seus derivados. Originariamente é termo proveniente da cultura cristã, mas tem seu valor expandido e adquire uma significação difícil de ser definida, mas necessariamente ligada a “poderes abrangentes, do domínio das artes mágicas” (LOPES et. al., 2011).

Nas cantigas, ainda, muito pouco se trata de mágica utilizada para o mal, à exceção do “mau olhado” e a despeito dos insucessos generalizados daqueles que se valem de métodos divinatórios, não há uma implicação como a apresentada pela equação apresentada por Delumeau (2009 [1978], p.525) ou a constatação implícita em Pierucci (2001, p.76-80) de que todo fenômeno mágico é maligno.

Por fim, pode-se mencionar a ideia presente tanto em Delumeau (2009 [1978]) quanto em Cardini (1996), de que, até determinado momento, a magia e as práticas pagãs estavam disseminadas entre o povo, que ainda não estava preservava crenças não cristãs. As práticas divinatórias mencionadas nas cantigas, por exemplo, astrologia e agoiro, são práticas que se pautam em elementos naturais e prescindem de rituais elaborados ou aparelhagem específica, ao contrário, são as aves (várias, de vários tipos e espécies) e os astros os elementos mágicos, enfim, elementos da natureza. A magia é praticada, inclusive, pelo clero, não sendo, ainda nesse período, alvo de perseguição generalizada, pelo contrário, é comum e minimamente aceita, apesar de, nas cantigas, os seus praticantes serem sempre retratados como fracassados ou pessoas de índole duvidosa.

Referências

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

BLUTEAU, Raphaël. **Vocabulário português e latino**: aulico, anatomico, architetonico. 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 30 maio 2019.

CARDINI, Franco. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicologia USP**. v. 7, n. 1-2, p. 9-16, 1996.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média**: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e Lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

LOPES, Graça Videira *et al.* **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**: base de dados online. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 01 maio 2019.

LOSE, Alícia Duhá. Edições digitais de manuscritos: do século XVI ao século XXI. In: CIRILLO, José; PASSOS, Marie-Hélène Paret (Org.). **Materialidade e virtualidade no processo criativo**. Vinhedo: Horizonte, 2011.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Breve incursão pelo léxico medieval do português: o testemunho de um manuscrito trecentista. **Revista Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n.29/30, p. 15-29, 2003.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário etimológico do Português Arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MARENGO, Sandro Marcío Drumond Alves. **Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

MARENGO, Sandro Marcío Drumond Alves. Crítica Textual e Linguística histórica em manuscritos militares. **Revista da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)**, Paraná, UFPR. n.16 (3), p. 245-264, 2017.

MARENGO, Sandro Marcío Drumond Alves. Mudança linguística à luz da socioterminologia diacrônica: a história da cultura escrita como fator extralinguístico. **REVEC- Revista de Estudos de Cultura**, v. 3, p.59-76, 2018.

MARENGO, Sandro Marcío Drumond Alves; CAMBRAIA, César Nardeli. Estudo socioterminológico da variação/mudança em manuscritos militares os séculos XVIII e XIX. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, Sergipe, Ano XI, v. 24 jan./abr, p.203-224, 2016.

MARENGO, Sandro Marcío Drumond Alves; FREITAG, R. M. K. Para uma História do Português Brasileiro em Sergipe: Organizando as fontes manuscritas e suas edições. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 1, n. 46, p.116-129, 2016.

MATORÉ, G. **La Méthode en Lexicologie**. Domaine Français. Paris: Librairie Marcel Didier, 1973 [1953].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica**:ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Homer und die klassische Philologie**. Werke in drei Bänden. München 1954 [1869], b. 3, s. 154-174. Disponível em:

<<http://www.zeno.org/Philosophie/M/Nietzsche,+Friedrich/Homer+und+die+klassische+Philologie>>. Acesso em: 09 maio 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **A magia**. São Paulo: Publifolha, 2001. (Folha explica, 27).

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02254100>>. Acesso em: 30 maio 2019.

SILVA, Antonio Moraes. Diccionario da lingua portugueza: recopilado dos vocabularios impressos ate agora. 2. ed. emend. e acresc.. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2/>>. Acesso em: 30 maio 2019.

TELLES, Célia Marques. Mudança lingüística e crítica textual. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 25/26, p.91-119, jan.-dez. 2000.

Recebido em: 01/06/2019

Aceito em: 10/07/2019